



DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE: AS CONTRIBUIÇÕES DE CELSO FURTADO

Sessão Temática: Economia ecológica, economia política e pluralismo metodológico, heterodoxia e economia ecológica

Autor: Henrique Ferreira de Souza

Filiação Institucional: Universidade Federal de Uberlândia

E-mail: henriquefsz@yahoo.com.br

Autor: Anderson Henrique dos Santos Araújo

Filiação Institucional: Universidade Federal de Uberlândia

E-mail: anderson.hsa@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo discutir o desenvolvimento econômico a partir das obras de Celso Furtado. Não obstante, também enfatiza a relevância da temática ambiental, abordada na obra “o mito do desenvolvimento econômico” e o pensamento ecológico, a partir de um levantamento bibliográfico e documental. Conclui-se que a temática desenvolvimentista proposta por Furtado é relevante na compreensão dos condicionantes estruturais do desenvolvimento econômico ambiental, e em conjunto com o pensamento estruturalista, é uma ferramenta metodológica que tende a contribuir para o debate acerca da economia ecológica.

Palavras-chave: Meio ambiente. Celso Furtado. Desenvolvimento sustentável. Economia Ecológica.

Abstract

The present work aims to discuss economic development from the works of Celso Furtado. Nevertheless, it also emphasizes the relevance of the environmental theme, addressed in the work "the myth of economic development" and ecological thinking, based on a bibliographical and documentary survey. It is concluded that the developmental theme proposed by Furtado is relevant in understanding the structural determinants of environmental economic development, and together with structuralist thinking, is a methodological tool that tends to contribute to the debate about the ecological economy.

Key words: *Environment. Celso Furtado. Sustainable development. Ecological Economics.*

1. Introdução

Um economista da primeira metade do século XX provavelmente se impressionaria, quando deparado com a multidisciplinariedade do debate econômico nas primeiras décadas do século XXI. Outrossim, um teórico desenvolvimentista do mesmo período supracitado certamente se espantaria com emergência ambiental e suas vertentes teóricas, na busca por esclarecer qual o modelo de desenvolvimento econômico necessário as economias atrasadas.

É bem verdade que o debate sobre desenvolvimento econômico ainda carece de fundamentação e ampliação teórica, quanto a ênfase está associada aos aspectos ambientais. Todavia, alguns avanços foram (ou ainda são) verificados. A partir da segunda metade do século XX, o homem passou a aceitar que os recursos ambientais possuem trajetórias distintas dos bens ilimitados, protagonizado pela clássica visão econômica, e, portanto, passou a ser uma preocupação utilizá-los de maneira eficiente. Nesse sentido, tanto a teoria neoclássica, como novas abordagens (caso da economia ecológica), desenvolveram análises e pressupostos para deliberarem sobre as questões ambientais.

Em um prisma distinto, mas não distante da temática ambiental, os relatos acadêmicos de Celso Furtado (1920-2004) buscavam compreender o (sub) desenvolvimento, razões para sua consolidação e os porquês de seu protagonismo em determinadas áreas. Formação econômica do Brasil, de 1959, é inegavelmente sua obra mais conhecida. Entretanto, também é vasta a literatura do autor sobre o desenvolvimentismo e seus aspectos estruturais.

Partindo dos pressupostos anteriormente relatados, o presente trabalho pretende resgatar, a partir da obra de Celso Furtado, contribuições para o debate sobre desenvolvimento econômico e o meio ambiente. Embora não tenha se debruçado em analisar as condicionalidades ambientais, é perceptível na construção teórica do autor (e na sua contribuição para o estruturalismo cepalino) questões do desenvolvimento que estão diretamente relacionadas a emergência ambiental e a economia ecológica.

Assim, parte-se da explicação furtadiana para o (sub) desenvolvimento no item 2, a partir de textos autorais selecionados, como também a contribuição de outros pesquisadores que também se dedicaram à tarefa proposta no presente ensaio. Não se pretende esgotar todos os aspectos expostos por Celso Furtado ao longo de mais de 40 anos em obras publicadas,

mas compendiar o que este pensou sobre desenvolvimento e subdesenvolvimento em seus principais livros e artigos.

Sequencialmente, o item 3 demonstra a visão de meio ambiente furtadiana, dividida em dois segmentos: uma análise a partir da clássica obra “o mito do desenvolvimento econômico” e, as contribuições estruturalistas (que utilizaram o escopo do autor supracitado) para a teoria desenvolvimentista do meio ambiente, com ênfase na economia ecológica. Por fim, as principais conclusões do trabalho.

2. Desenvolvimento e Subdesenvolvimento: uma Análise Furtadiana

A obra “desenvolvimento e subdesenvolvimento”, publicado em 1961, expõe as reflexões de Furtado sobre a teoria econômica vigente, bem como suas críticas e recomendações.

Ao longo do primeiro capítulo, o autor sintetiza qual o papel do desenvolvimento econômico na macroeconomia, onde predomina as formulações abstratas e explicações históricas (a partir de cenários padronizados). Torna-se necessário aperfeiçoar o método, dando um caráter mais realista as generalizações e simplificações, não inviabilizando sua relevância. Isso é necessário porque não é possível desconsiderar os processos econômicos históricos, e também: [...] “é que tampouco, é possível ignorar as diferenças de estrutura entre economias de grau distintos de desenvolvimento. (FURTADO, 1961, P. 22)

Ainda na obra supracitada, Furtado expõe o mecanismo do desenvolvimento, justificando que o desenvolvimento econômico “não cabe dentro das categorias de análise econômica¹”. Esse desenvolvimento é visualizado como aumento da produtividade do trabalho via combinação de fatores de produção, que impacta na renda real, a partir dos tradicionais mecanismos de oferta e demanda. A intensidade desse ritmo de crescimento é determinada pelos níveis de investimentos e a riqueza reproduzível aplicada no processo de produção. Porém:

[...] não basta dizer que o crescimento resulta da acumulação –considerando como parte integrante desta o avanço da técnica- e que a capitalização está condicionada pela taxa de inversão e pela produtividade média do capital. É indispensável que se desça a explicar os fatores que reais que determinam a divisão do produto entre consumo e inversão. (FURTADO, 1961, p.107)

¹ Ainda no capítulo 1, Furtado faz uma síntese das teorias econômicas, enfocando nos modelos clássico, marxista, neoclássico, Schumpeteriano e keynesiano.

Os fatores reais descritos pelo autor são visíveis ao analisarmos os processos históricos de desenvolvimento. Ao realizar esse exercício após a revolução industrial, Furtado conclui que a etapa dinâmica do desenvolvimento industrial europeu ocorreu via oferta, onde as inovações não só expandiram os mercados existentes, como criaram novas áreas de atuação. Já em países subdesenvolvidos, como o Brasil, ocorreu via demanda (de fora para dentro), só modificada por intermédio da crise de 1929, onde passaram a existir três grandes núcleos: (I) o setor de subsistência, (II) o exportador e, o mercado interno (III).

O grande diferencial é que a repetição ocorrida no pré-capitalismo europeu, a inserção comercial em países subdesenvolvidos gera um efeito adverso. Esse fenômeno apresenta formas distintas: o caso mais simples, com dois setores (I e II) e; mais complexo, com três segmentos (I, II e III). Logo, a simples teorização de repetição dos modelos desenvolvidos em economias atrasadas, na visão de Furtado, é errôneo.

Na construção da dialética do desenvolvimento, Furtado (1964, p. 23) analisa o desenvolvimento como: “um processo mais amplo de mudança social, cujos contornos somente são perceptíveis no contexto de uma realidade histórica, isto é, partindo-se de alguma imagem figurativa do todo social e de seu comportamento no tempo”.

Ainda na dialética:

[...] Furtado recusou uma abordagem estritamente econômica do desenvolvimento. Para ele, não se compreendem as modificações na estrutura econômica de uma sociedade sem relacioná-las com o processo de transformação global no qual estas estão inseridas. Faz-se necessário a formulação de hipóteses que fundamentem a interação entre cada esfera da realidade social, em outras palavras, que se proponha uma teoria da mudança social, como pano de fundo para o estudo do desenvolvimento. (Silva, 2015, p. 5)

Ao ampliar o debate, o autor supracitado visualiza que as inovações tecnológicas proporcionam mudanças na cultura material, que por sua vez repercutem no produto social: [...] “em realidade, a inovação tecnológica, ao modificar um parâmetro no sistema social, põe em marcha um processo de reajustamentos, cuja representação figurativa somente seria possível através de um modelo dinâmico”. (FURTADO, 1964, p. 25)

Basicamente, as mudanças econômicas refletem nas estruturas sociais, fortemente influenciada pelas condições históricas. As economias capitalistas desenvolvidas conseguem manter –se em equilíbrio dinâmico, visto que a ciência assegura o permanente avanço da tecnologia. Já em economias subdesenvolvidas, onde as tecnologias geralmente são assimiladas “ou emprestadas”, a situação é mais complexa.

A penetração da nova tecnologia no sistema produtivo, ao desorganizar uma faixa da economia artesanal preexistente, cria de imediato um problema de excedente de mão-de-obra sem viabilidade de absorção. Esse excedente reflui para formas artesanais de economia de subsistência, criando uma dualidade dentro do sistema econômico que condicionará todo o processo social subsequente. (FURTADO, 1964, p. 30)

Um dos impactos dessas mudanças nas estruturas subdesenvolvidas dizem respeito a distribuição desigual de renda. O fenômeno das transformações inovadoras está ancorado a luta de classes, fundamentais para o desenvolvimento capitalista.

Todavia, as estruturas mais arcaicas e atrasadas, não avançam em consciência de classe, tornando a própria estrutura social subdesenvolvida, com uma pequena classe dirigente.

A consolidação do pensamento econômico defendido por Celso Furtado é visualizada em duas obras clássicas: Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico (1967) e o Mito do Desenvolvimento Econômico, publicada originalmente em 1974.

A trajetória histórica, sintetizada na obra “teoria e política do desenvolvimento econômico²” informa que as hoje denominadas economias desenvolvidas utilizou a captação de excedentes para se consolidar. Nas comunidades pré-industriais que utilizaram a mão de obra escrava, com um segmento elitizado ténue, intercambiou com outras comunidades, especialização geográfica e laboral e concentração de riqueza, constituíram a possibilidade de utilizar a riqueza acumulada no processo produtivo, incrementando cada vez mais os ganhos. Dessa forma, se delimita as fases preliminares do desenvolvimento, onde com o passar do tempo: “A forma de utilização do excedente de produção e a posição social do grupo que dele se apropria constituem elementos básicos do processo social que engendra o desenvolvimento”. (FURTADO, 1974, p. 148)

As fases que vão dos impérios, feudalismo e ascensão até a burguesia industrial são relatadas por Furtado como etapas de mudanças institucionais, políticas e até mesmo morais, gerando a consolidação do sistema industrial capitalista até os dias atuais. Porém o processo não foi uniforme, dada a:

[...] íntima interdependência existente entre a evolução da técnica nos países industrializados e as condições históricas em que se realizou o desenvolvimento destes. Essa técnica, na forma em que se apresenta hoje, incorporada aos equipamentos industriais, influíram de maneira fundamental condições específicas de algumas nações, sobretudo da Inglaterra e dos Estados Unidos da América, que sob vários pontos de vista constituíram um só sistema econômico, durante grande parte do século XIX. (Furtado, 1974, p. 177)

² É importante salientar que essa obra contém, parcial ou integralmente, fragmentos dos textos de 1961 e 1964.

Todavia, com a expansão industrial pós revolução, como explicar o subdesenvolvimento?

Inicialmente, Furtado justifica três direções distintas que a revolução industrial seguiu:

1. A própria constituição da Europa ocidental pós mercantilismo³, com desorganização da economia artesanal e absorção dos fatores internos, a um nível mais alto de produtividade.
2. Expansão para além das fronteiras continentais, protagonizando o acúmulo e aperfeiçoamento de técnicas, capital e mão de obra.
3. Expansão da própria dinâmica industrial para as regiões já ocupadas, mas até então de natureza pré-capitalista.

É importante ressaltar que o contato (ponto 3) não se deu forma uniforme:

Em alguns casos o interesse limitou-se a linha de comércio. Em outros houve, desde o início, o desejo de fomentar a produção de matérias primas, cuja procura crescia nos centros industriais. O efeito do impacto da expansão capitalista sobre essas estruturas variou de região para região, ao sabor de circunstâncias locais, do tipo de penetração capitalista e da intensidade desta. (Furtado, 1974, p. 188)

Mas o que Furtado ressalta é a preponderância das estruturas dualistas (industrializadas, mas com manutenção da estrutura pré-existente). Logo, o subdesenvolvimento é caracterizado com um processo autônomo, onde as economias desenvolvidas não necessariamente atravessaram. Todavia, sem destacar as economias subdesenvolvidas “superiores”, ou seja, industrializadas, mas com fortes questões estruturais, o pressuposto estaria incorreto. O autor supracitado denomina que o Brasil pode ser classificado como uma economia subdesenvolvida de grau superior, pelas próprias particularidades geográficas, aliada a fatores econômicos (como já demonstrados nos segmentos I, II e III do texto de 1962).

O mito do desenvolvimento econômico apresenta uma visão pessimista de Celso Furtado sobre a superação do subdesenvolvimento. Não obstante, o autor descreve que a literatura sobre desenvolvimento entre 1950 e 1975 considera que o modelo dos países desenvolvidos pode ser universalizado, onde o progresso possa chegar ao terceiro mundo. Diante dessa ilusão (ou mito), os economistas constroem sofisticados modelos com o objetivo de explicar e compreender alternativas para alcance e consolidação do desenvolvimento.

³ Para um maior aprofundamento acerca dessa transição, consultar HUBERMAN (1986).

Ainda:

Pouca ou nenhuma atenção foi dada às consequências, no plano cultural, de um crescimento exponencial do *stock* de capital. As grandes metrópoles modernas com seu ar irrespirável, crescente criminalidade, deterioração dos serviços públicos, fuga da juventude na anti-cultura, surgiram como um pesadelo no sonho de progresso linear em que embalavam os teóricos do crescimento. (Furtado, 1981, p. 16)

Influenciado pelo texto *The Limits of Growth* (Meadows et al. 1972) publicado para o conhecido grupo de Roma⁴, Furtado expressa as limitações dos próprios recursos naturais para o crescimento econômico, item que será cotejado no capítulo 3. O destaque para o autor supracitado encontra-se no caráter predatório do processo de civilização concebido pela revolução industrial e os caminhos que as economias subdesenvolvidas devem tomar.

Captar a natureza do subdesenvolvimento não é tarefa fácil: muitas são as suas dimensões e as que são facilmente visíveis nem sempre são mais significativas. Mas se algo sabemos com segurança é que subdesenvolvimento nada tem a ver com a idade de uma sociedade ou País. E também sabemos que o parâmetro para medi-lo é o grau de acumulação aplicado aos processos produtivos e o grau de acesso de acesso à panóplia de bens finais que caracterizam o que se convencionou chamar de estilo de vida moderno. (Furtado, 1981, p. 22)

Atualizando os pressupostos anteriores, Furtado visualiza na consolidação do modelo capitalista industrial, o que chama de segunda fase do capitalismo industrial, com um maior protagonismo dos países líderes (desenvolvidos), com finalidades globais, diferente do modelo nacional. Já terceira fase evolutiva do capitalismo industrial, focada nos grandes sistemas nacionais, com consolidação de grupos empresariais de formação concêntrica. Esses fatores permitiram o crescimento do próprio centro e intensificaram as disparidades nas economias periféricas.

O dinamismo econômico no centro do sistema decorre do fluxo de novos produtos e da elevação dos salários reais que permitem a expansão do consumo de massa. Em contraste, o capitalismo periférico engendra o mimetismo cultural e requer permanente concentração de renda a fim de que as menores possam reproduzir as formas de consumo dos países centrais. (Furtado, 1981, p. 45)

É importante ressaltar que o processo não é independente. A própria intensificação do centro é parcialmente fruto das disparidades nas economias periféricas, à medida que se amplia o investimento industrial no segmento atrasado, onde a classe privilegiada dessas

⁴ Grupo transnacional e interdisciplinar, que objetivava compreender o futuro da humanidade sob a ótica econômica.

nações tende a reproduzir o estilo de vida do centro, o que intensifica ainda mais a concentração de renda na periferia.

Sopesando o quadro de mudanças globais ocorridos na década de 1970, Celso Furtado pondera que as mudanças do capitalismo dos países centrais também influenciam as economias subdesenvolvidas. O papel da periferia está interligado a mão de obra barata e maior dependência dos recursos naturais.

Por fim, o rompimento desse ciclo viria com uma ruptura avassaladora, visto que o estilo de vida criado pelo capitalismo central sempre será privilégio de uma minoria e essa tentativa de generalização tende a provocar danos na espécie humana. (FURTADO, 1981, p.75)

Ademais:

[...] o desenvolvimento humano – a ideia que os povos pobres podem algum dia desfrutar as formas de vida dos atuais povos ricos – é simplesmente irrealizável. [...] as economias da periferia nunca serão desenvolvidas, no sentido de similares às economias que formam o atual centro do sistema capitalista. (Furtado, 1981, p. 75)

Em *Introdução ao Desenvolvimento: Enfoque Histórico e Estrutural* (2000), publicado em 1976, Furtado sintetiza o conceito de desenvolvimento por ele construído desde os anos 50. Complementarmente, discute a divisão internacional de trabalho na formação de excedente, e o papel das transnacionais nas economias periféricas. Embora tenha desenvolvido outros trabalhos teóricos após os dois trabalhos enfatizados nos capítulos anteriores⁵, vale nos dedicarmos as reflexões furtadiana a partir da década de 1990.

Em *Brasil: A Construção Interrompida* (1992), Furtado mantém os pressupostos da relação estrutural entre o capitalismo central e periférico, e o papel da modernização via inovação. Ademais, também visualiza o desenvolvimento como uma vertente do desenvolvimento, porém com perspectivas animadoras: “O fato é que as estruturas que o conformam se hajam reproduzido no correr dos anos não nos autorizam prever sua permanência futura. Mas podemos afirmar que sua tendência é no sentido dessa reprodução”. (FURTADO, 1992, P. 47)

Sequencialmente, analisando o processo de superação do desenvolvimento, o autor indica que tal feito só ocorre via homogeneização social, mas essa é insuficiente sem confluência com outros fatores, sobretudo um eficaz sistema produtivo e autonomia

⁵ Destacam-se o prefácio a nova economia política e *Pequena introdução ao desenvolvimento: enfoque interdisciplinar* (1980)

tecnológica, sem necessariamente prevalecer os altos níveis de renda dos países desenvolvidos.

O capitalismo global (1998) traz o pensamento furtadiano com ênfase nas mudanças da década de 1990, com ênfase na globalização, que considera um retrocesso. No capítulo intitulado “superação do desenvolvimento”, onde são analisados os modelos soviético, latino-americano e asiático, com seus pontos fracos, defende que a educação é o aparelho condutor do desenvolvimento social.

Mal interpretado por alguns, mas constantemente referenciado por economistas ortodoxos e heterodoxos, a obra do economista Celso Furtado o coloca como verdadeiro intelectual. Como assinala Pereira:

Celso Furtado é um economista da teoria do desenvolvimento e da análise da econômica brasileira. Nestas duas especialidades ele pensou sempre de forma independente, e usou principalmente o método histórico ao invés do lógico-dedutivo. Sua capacidade de inferência e de dedução é poderosa, mas ele parte sempre da observação da realidade, evita partir de pressupostos gerais sobre o comportamento humano – e procura, a partir dessa realidade e do seu movimento histórico, inferir a teoria. (2001, p.1)

Sua notável reflexão sobre o processo de desenvolvimento e subdesenvolvimento trouxeram inúmeras contribuições a corrente teórica estruturalista, a qual Bielschowsky (2010) sintetiza em três segmentos: análise histórica de longo prazo, com destaque para Formação Econômica do Brasil (1959); o desenvolvimento e subdesenvolvimento da América Latina e; a análise do crescimento e distribuição de renda.

O que fica evidente é atualidade do seu pensamento, sobretudo na análise da América Latina, onde o subdesenvolvimento persiste, por fatores recorrentemente citados pelo autor. Outro ponto contemporâneo diz respeito a análise do meio ambiente, tema que trataremos no capítulo seguinte.

3. O Meio Ambiente na Visão Furtadiana

Em suas considerações sobre o papel das estruturas e do processo do (sub) desenvolvimento, Celso Furtado analisa os impactos nas economias desenvolvidas, bem como os desafios para economias subdesenvolvidas. Ao analisarmos influência e impactos da teoria desenvolvimentista furtadiana, vamos segmentar duas abordagens: a análise furtadiana, a partir do Mito do desenvolvimento e alguns fragmentos de suas últimas

entrevistas, além das contribuições da vertente estruturalista para as teorias desenvolvimentistas do meio ambiente.

3.1 O mito do desenvolvimento e suas contribuições para a agenda desenvolvimentista

Quando da publicação do “mito do desenvolvimento econômico”, questões sobre desenvolvimento sustentável, ecologia, ecodesenvolvimento, e até mesmo sobre economia ecológica ou ambiental⁶ não detinham a relevância teórica contemporânea. Conforme exposto no capítulo 2, o objetivo do “mito” versava na análise das limitações do modelo clássico de desenvolvimento, bem como a visão pessimista de Furtado sobre a superação das economias subdesenvolvidas, considerando que o subdesenvolvimento é inerente ao sistema capitalista, uma característica necessária (e intransponível) para o protagonismo das nações ricas e consolidadas.

Contudo, a obra também caracteriza a contribuição do autor para o desenvolvimento sustentável, isto é, a compreensão que desenvolvimento econômico deve se ater na busca de por meio ambiente equilibrado e disponível para as gerações futuras. Autores como Wasques et al. (2017) e Cavalcanti (2003, 2004) ressaltam tais argumentos ao se debruçar sobre os textos de Furtado.

A noção atual de desenvolvimento sustentável representa uma vindicação do pensamento de Furtado: não é qualquer taxa de crescimento da economia que pode ser perseguida; há que se pensar antes naquilo que é (ecologicamente) sustentável, ou seja, possível, durável, realizável. (CAVALCANTI, 2002, p.74)

Retomando ao “mito do desenvolvimento econômico”, os pressupostos furtadiano a partir do texto “*The limits to growth*” (Meadows et al. 1972) endossam bem a referência acima. Reconhecendo a importância do estudo e as limitações do mesmo, a obra enfatiza a crescente dependência dos países industrializados junto aos recursos naturais dos demais países, bem como sua forte utilização predatória, concluía que a noção sustentável dos recursos naturais como irrelevantes economicamente estava findada.

O autor também ressalta que não houve nenhuma universalização dos padrões de consumo dos países ricos em economias atrasadas, e embora existam pressões aos sistemas naturais, essas são menores que as previstas no relatório *Meadows*, A importância reside na conclusão que as benesses do capitalismo industrial seriam privilégio de uma minoria.

⁶ Para uma completa definição sobre os termos, consultar Martins (2009) e Romeiro (2012).

Destarte, Furtado corrobora com a tese também proposta no relatório: [...] “a pressão sobre os recursos não renováveis e a poluição do meio ambiente seriam de tal ordem (ou, alternativamente, o custo de controle da poluição seria tão elevado), que o sistema econômico mundial entraria necessariamente em colapso”. (FURTADO, 1981, P. 19)

Celso Furtado também abarca possibilidades para os recursos naturais em países periféricos. Cabe a estes exercerem sua autonomia, controlando o uso dos recursos não renováveis, visto que é crescente a demanda dos países centrais por esses itens. Ainda em suas obras posteriores, adverte: [...] “Uma minoria dispõe dos recursos não-renováveis do planeta sem se preocupar com as consequências para as gerações futuras do desperdício que hoje realiza (FURTADO, 2000, p.76).

Também, se observa a atualidade do pensamento furtadiano: o relatório *Africa Progress Report* 2013 indica que países da África subsaariana rico em recursos naturais apresentaram crescimento significativo entre 2008 e 2012, apesar do crescimento exponencial de suas populações.

Cabe ponderar que Furtado enfatiza a utilização de recursos não renováveis, dando um poder de barganha as economias periféricas, ou seja, para este não existe consciência ecológica, mas sim econômica. Então, qual conexão entre o desenvolvimento como mito e a temática econômica ambiental?

Cavalcanti propõe:

A ideia do mito do desenvolvimento econômico tem a ver, de fato, com a observação por Furtado de que o modelo da economia em expansão destrói e degrada em larga escala o meio ambiente, além de criar a ilusão de que, crescendo a economia, tem-se desenvolvimento. Furtado, nesse contexto, trata ainda do empobrecimento cultural que a destruição pelo desenvolvimento de culturas “arcaicas” e a homogeneização cultural provocam. (2002, p.77)

Furtado questiona, assim, a visão econômica centrada nos recursos econômicos, como o Produto Interno Bruto (PIB), a “vaca sagrada dos economistas”. Considera mais confuso a taxa de crescimento do PIB e argumenta:

Por que ignorar na medição do PIB, o custo para a coletividade da destruição dos recursos naturais não renováveis, e o dos solos e florestas (dificilmente renováveis)? Por que ignorar a poluição das águas e a destruição total dos peixes nos rios em que as usinas despejam os seus resíduos? Se o aumento da taxa de crescimento do PIB é acompanhado de baixa do salário real e esse salário está no nível de subsistência fisiológica, é de admitir que estará havendo um desgaste humano. (FURTADO, 1981, p. 116)

Como bem salienta Cavalcanti (2002), na contemporaneidade, muitas dessas perguntas são alvo de estudos e pesquisas de organizações como ONU e OCDE. Não obstante, a contabilidade verde até mecanismo de mensuração de contas nacionais alternativos a tradicional metodologia do PIB também são alvo de pesquisas e levantamentos. Destaca-se o PIB ecológico (2011), mecanismo mensuração desenvolvido pelo Banco Central do Brasil afim de agregar a capacidade assimilativa do ecossistema.

A própria lógica dualista, explicada no capítulo anterior, e o impacto das demandas de grupos privilegiados em economias subdesenvolvidas impactam diretamente o meio ambiente, visto que uma sociedade de alto consumo tende a seguir uma direção contrária a ecológica.

Todavia, é destacável que o esforço reciclador vem crescendo nos países desenvolvidos, mas não nos países subdesenvolvidos. Os níveis de reciclagem em países europeus cresceram 21% entre 2001 e 2010, segundo a agência europeia de meio ambiente. A justificativa para o “esforço” dos países ricos advém do próprio crescimento populacional, e paralelamente, indicadores ambientais mais alarmantes.

Pode-se concluir que existe sim uma análise ambiental implícita na obra furtadiana, como também defende Cavalcanti:

Furtado, preocupado com a preservação da identidade cultural em face das transformações econômicas, se detém em questões como o mimetismo cultural, a reprodução de padrões de consumo e os privilégios das minorias com seus estilos de vida de modernização mimética. Tratando dos impactos da economia no meio físico, ele se volta para a questão dos limites ao crescimento, para o caráter predatório do modelo de consumo do capitalismo que, na verdade, o socialismo real tentou, sem sucesso, copiar), para o desperdício de recursos, para os custos não contabilizados da destruição ambiental, para os processos dissipativos embutidos na visão economicista do desenvolvimento. (2002, p.81)

Pode-se afirmar, que a importância do pensamento de Furtado é não apenas relevante mas pode se firma-lo como: precursor e /ou pioneiro da divulgação do problema ambiental no Brasil. (Wasques et al., 2017, p. 14)

O pensamento de furtado é de suma importância para a escola de pensamento conhecida como estruturalista, a qual apresente novos elementos na análise do desenvolvimento econômico e meio ambiente, tema da próxima seção.

3.2. Do estruturalismo a economia ecológica

Em conjunto com as pressuposições ambientalistas das obras de Celso Furtado, sobretudo “o mito do desenvolvimento econômico”, os desdobramentos da teoria estruturalista também tornaram possível o acréscimo de novas perspectivas para a análise ambiental. A própria abordagem desenvolvimentista estrutural de Celso Furtado fornece suporte teórico para compreensão das realidades subdesenvolvidas, considerando a visão dos autores, base do pensamento estruturalista cepalino.

Pode-se sintetizar o pensamento estruturalista em três fatores: desenvolvimento desigual nas relações capitalistas globais, crítica a teoria neoclássica do comércio internacional e relações também desiguais entre centro e periferia. (FIORI; MEDEIROS, 2001)

Assim, a intensificação do debate ambiental, ocorrido no final do século XX, tornou necessário a incorporação dessa agenda no pensamento estruturalista, onde salientamos os trabalhos da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe- CEPAL (1989,1991) que objetivaram analisar a problemática desenvolvimentista sob a ótica ambiental e do desenvolvimento sustentável.

Vale ressaltar que até então, questões ambientais foram tratadas fora da esfera do desenvolvimento, pelo menos não diretamente, como relatamos no subitem anterior. Embora o foco furtadiano fosse questões de industrialização, progresso técnico e alternativas para países subdesenvolvidos, sua análise ambiental esteve restrita na exploração de recursos naturais renováveis e não renováveis e na sua relação com os países centrais⁷. Todavia, a agenda estruturalista já exhibe alguns avanços para a temática:

[...], no entanto, ao enfatizar as relações de dependência, o estruturalismo já dava explicações para fenômenos relativos à questão ambiental. Por exemplo, dada a articulação com a economia internacional, existe uma necessidade constante de aperfeiçoamento das técnicas utilizadas na periferia como exigência das grandes empresas multinacionais. Isso é exatamente o que vem ocorrendo na esfera ambiental com ampla gama de produtos exportados para os países avançados, ou seja, muitas vezes a exigência importadora dos países desenvolvidos agora é a certificação de produtos ambientalmente sustentáveis. (Queiroz, 2018, p. 163)

A teoria neoestruturalista, por sua vez, embasa mais claramente o debate ambiental. Ao considerar o processo inovador⁸, o mecanismo de desenvolvimento e meio ambiente

7 Wasques et al. (2017) menciona que a experiência de Celso Furtado na Superintendência de desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) durante a década de 1960 fê-lo incorporar temas ligados a ecologia e meio ambiente.

8 Vale ressaltar que as questões de inovação também foram objetivo de análise para Furtado, ressaltadas na obra dialética do desenvolvimento (1964).

ganham uma nova perspectiva de análise, sobretudo ao incorpora-se a ideia de sustentabilidade nos processos produtivos.

As inovações podem contribuir para que os processos produtivos se tornem cada vez mais limpos com a introdução de máquinas mais eficientes e redutoras do consumo de materiais, energia e da produção de resíduos. Assim, a inovação, além de possibilitar o desenvolvimento econômico, também contribui para a preservação do meio ambiente. (Queiroz, 2018, p. 163)

Outro ponto são os sistemas de inovações, a articulação entre esferas do setor público, privado com o objetivo de gerar, alterar, difundir novas tecnologias, com ênfase no processo inovador. Essa nova demanda, que se intensifica nos países desenvolvidos, pode ser visualizado como uma alternativa competitiva para nações, embora dificuldades ainda persistam na busca de uma melhor solução.

Ao se utilizar a abordagem estruturalista do desenvolvimento econômico, onde a transformação gera mudanças substanciais com ganhos sociais, o meio ambiente pode ser visualizado como agente indutor, quando utilizado de forma sustentável, pode gerar ganhos e benefícios, sobretudo em economias subdesenvolvidas com grande potencialidade de recursos naturais.

Outrossim, torna-se necessário um debate conjunto entre as vertentes estruturalistas e econômicas ambientais, como a economia ecológica (EE), que compreende a necessidade de alocação eficiente, porém sob uma perspectiva de distribuição justa e analisando a escala de utilização dos recursos naturais.

Diferentemente do esquema analítico convencional, os pressupostos da EE partem da consideração de que o sistema econômico é um subsistema de algo mais amplo e complexo, a esfera terrestre. (DALY 2007; DALY 1996; MARTINEZ ALIER,2001)

A EE também se debruça na análise dos condicionantes estruturais na utilização de recursos, o qual denomina como “dumping” ecológico. Essa perspectiva entende que nas relações econômicas, a compensação das externalidades ou o esgotamento dos recursos naturais não são precificados, gerando um intercambio ecologicamente desigual. Tal perspectiva é justificada, dentre outros fatores, pelo fato de que:

A maioria das economias extrativas são, em larga medida, pobres e carentes de poder. Portanto, são incapazes de frear a taxa de extração dos recursos, de impor “retenções ambientais” ou de cobrar ‘impostos ante o esgotamento do capital natural’. Enfim, são incapazes em si mesmas de internalizar as externalidades nos preços ou de diversificar as exportações. (Martinez Alier, 2007, p.289)

Ainda, os economistas ecológicos também ressaltam que a superexploração dos recursos naturais em economias extrativas se intensificam a medida que se amplia o nível de importações, tornando o intercâmbio cada vez mais desigual.

Nesse sentido, se observa uma convergência entre o pensamento estruturalista e o econômico ecológico, visto que as relações desiguais de troca são um dos pontos de análise para ambas correntes, embora sob óticas distintas. Se de um lado a deterioração dos termos de troca explicam a formação da economia da América latina, de outro deve-se compreender o impacto e protagonismo da esfera ambiental em tais relações.

CONCLUSÕES

A visão econômica sobre desenvolvimento proposta por Celso Furtado permitiu uma visão alternativa à teoria neoclássica vigente para compreensão da riqueza de algumas nações, frente ao atraso de outras. Ao focar no papel das estruturas, fica evidente a relação de dependência entre o centro desenvolvido e a periferia com demandas e mazelas. Tentar superar esse modelo, sobretudo no Brasil, foi o principal objetivo do autor, tanto academicamente como executivamente, visto os inúmeros cargos administrativos o qual ocupou.

A perspectiva desenvolvimentista furtadiana também é relevante na compreensão da questão ambiental. Não foi objetivo do presente trabalho esgotar o debate sobre o tema, mas demonstrar que em 1974, na construção teórica do “mito”, os recursos naturais nos países subdesenvolvidos (e dependência dos desenvolvidos pelos recursos), bem como a crítica a “vaca sagrada dos economistas”, já eram visualizados com atenção pelo autor, fato também ressaltado em obras posteriores.

Embora a busca pela sustentabilidade seja uma realidade quase global, a demanda mundial por petróleo aumentou 1,44% entre 2015 e 2016, segundo a organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP). Destarte, cálculo ecológico do PIB (e até mudanças nas metodologias de mensuração econômica) vem atraindo a atenção de inúmeros economistas. Observa-se, assim, a atualidade da visão Furtadiana sobre desenvolvimento e meio ambiente.

Em relação à abordagem estruturalista, o processo inovativo pode ser útil na transformação de realidades subdesenvolvidas, modificando os processos produtivo, tecnológico e alterando as relações internacionais. Tal mecanismo de análise vem ganhando relevância nessa vertente econômica. Nesse contexto, aecoinovação, caracterizada como

processo de transformação (ou invenção) que amplia os ganhos econômicos e mitigam a degradação do meio ambiente merecem uma atenção especial, sobretudo em economias subdesenvolvidas.

Outro fator em destaque, é a atenção dada a CEPAL ao desenvolvimento sustentável, temática que vem ganhando dimensão teórica nos cadernos e relatórios da instituição. Abordagens como a economia ecológica oferecem elementos diversificados e críticos a tradicional abordagem da economia do meio ambiente neoclássico, podem encontrar nas leituras estruturalistas clássicas e modernas, elementos que expliquem a dificuldade enfrentada para os países subdesenvolvidos atingirem níveis menores de degradação ambiental, sobretudo ao considerar as relações desiguais de fluxos de energia e materiais, que contribuem para relações desiguais entre países.

Contudo e mais importante, como adverte Furtado, sem a mudanças sociais e ambientais (consideração dos limites ambientais, igualdade salarial e menor concentração de renda, por exemplo), o desenvolvimento econômico nunca deixará de ser um “mito”.

REFERÊNCIAS

Agencia Europea Do Meio Ambiente. Disponível em:

<https://www.eea.europa.eu/media/newsreleases/highest-recycling-rates-in-austria>. Acesso em 18 de março de 2019.

Africa Progress Report 2013. Disponível em:

<http://africaprogresspanel.org/en/publications/africa-progress-report-2013/>. Acesso em 15 de abril de 2019.

BIELSCHOWSKY, R. Vigência das contribuições de Celso Furtado ao estruturalismo. **Revista de la Cepal**, p. 183-191. 2010.

CAVALCANTI, C. Meio ambiente, Celso Furtado e o desenvolvimento como falácia. **Ambiente & Sociedade**, v. 5, n. 2, p. 73-84, 2003.

CAVALCANTI, C. **Celso Furtado e o subdesenvolvimento**. S. l.: S. n, 2004.

Daly, H. E. **Beyond growth: the economics of sustainable development**. Beacon Press. 1996

Daly, H. E. **Ecological economics and sustainable development**. Edward Elgar Publishing. 2007

FIORI, J. L.; MEDEIROS, C. (Orgs.) **Polarização mundial e crescimento**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001.

CEPAL. El medio ambiente como factor de desarrollo. **Estudios e Informes de la Cepal**. Serie nº 75, Santiago de Chile, febrero de 1989. Publicación de las Naciones Unidas. 1989

_____. **El desarrollo sustentable: transformación productiva, equidad y medio ambiente**. CEPAL, 1991.

FURTADO, C. **Formação Econômica do Brasil**. D. Ibarra, 1959.

FURTADO, C. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de cultura. 1961

FURTADO, C. **Dialética do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura. 1964

FURTADO, C. **Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Editora Nacional. 1974

FURTADO, C. **Introdução ao Desenvolvimento: enfoque histórico-estrutural**. São Paulo: Paz e Terra. 1976a.

FURTADO, C. **Prefácio a nova economia política**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1976b

FURTADO, C. **Pequena introdução ao desenvolvimento: enfoque interdisciplinar**. Rio de Janeiro, Cia. Editora Nacional. 1980

FURTADO, C. **O mito do desenvolvimento**. 5ª edição São Paulo: Paz e Terra. 1981

FURTADO, C. **Cultura e Desenvolvimento em época de crise**. São Paulo: Paz e Terra, 1984

FURTADO, C. **Brasil: a construção interrompida**. São Paulo: Paz e Terra. 2000

FURTADO, C. **O Capitalismo Global**. São Paulo: Paz e Terra. 1998

HUBERMAN, L. **História da riqueza do homem**. 21. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

MARTINEZ Alier, J. . Ecological economics (No. 2001_05). Universitat Autònoma de Barcelona, Departament d'Economia i Història Econòmica, Unitat d'Història Econòmica, 2001

MARTINEZ Alier, J. **O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração**. São Paulo: Contexto, 2007.

MARTINS, S. R. **Desenvolvimento Sustentável: desenvolvendo a sustentabilidade**. Núcleos de Educação Ambiental da Agenda, v. 21, 2009.

MEADOWS, Donella H.; MEADOWS, Dennis, L.; RANDERS, Jorgen; BEHRENS III, Willian W. **The Limits to Growth: a report for the Club of Rome's Project on the predicament of mankind**. New York: Universe Books, 1972.

MEDEIROS, P. V. M. Do estruturalismo ao neoestruturalismo: Síntese da Trajetória Histórica do Pensamento Cepalino. **RP3-Revista de Pesquisa em Políticas Públicas**, n. 08. 2016

PEREIRA, L. C. B. **Método e paixão em Celso Furtado**. 2001.

O PIB Potencial Ecológico. Disponível em:
<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,o-pib-potencial-ecologico-imp-,722188>.
Acesso em 18 de julho de 2018.

QUEIROZ, J. M. de. Desenvolvimento econômico, inovação e meio ambiente: a busca por uma convergência no debate. **Cadernos do Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 9, p. 143-170, 2018.

ROMEIRO, A. R.. Desenvolvimento sustentável: uma perspectiva econômica ecológica. **Estudos avançados**, v. 26, n. 74, p. 65-92, 2012

SILVA, Renato M. F. da. A análise do desenvolvimento em Celso Furtado. **Leituras de Economia Política**, Campinas, (22), p. 1-29, dez. 2014/jul. 2015.

WASQUES R. N. JÚNIOR W. L. S. BRANDÃO D. D. A Questão Ambiental na Obra de Celso Furtado. **Anais**. XII Encontro Nacional da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica. Uberlândia, 2017.